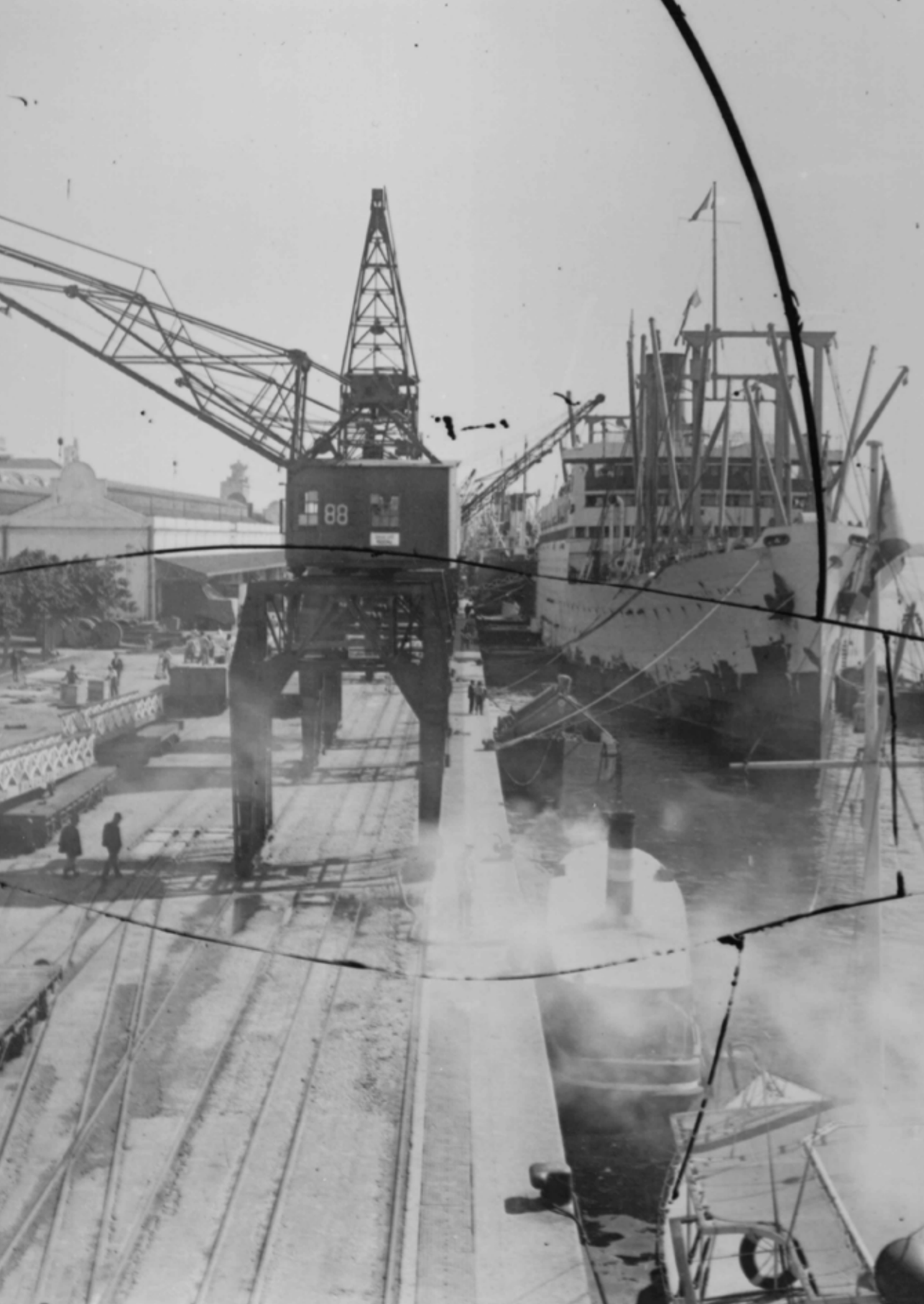




ESPECIAL

Mulheres (i)migrantes

Porto do Rio de Janeiro, sem data. Coleção Augusto Malta, AGCRJ.

Apresentação

A capitalidade do Rio de Janeiro foi afirmada em momentos distintos da história política brasileira, iniciada ainda no século XVIII quando foi escolhida pela monarquia portuguesa para sediar a administração da então colônia lusitana. Do Império à República, o Rio só perderia o status de capital em 1960, fato que não diminuiu a sua importância no cenário econômico, cultural e político do país, conseguindo mobilizar e gerar investimentos.

Tais características fizeram do Rio de Janeiro um polo de atração para imigrantes nacionais e estrangeiros que acorriam para a capital do Império e posteriormente da República, em busca de melhores oportunidades de vida, se caracterizando nos anos por uma imigração urbana. Nesses deslocamentos regionais e internacionais, destacam-se neste especial as mulheres que, sozinhas ou acompanhadas de familiares, fixaram residência na cidade, deixando inscritas as marcas de sua trajetória.

Durante a Grande Imigração (1890–1914), conforme registrado pela historiografia, registrou-se, por exemplo, um aumento da entrada de mulheres portuguesas no Rio de Janeiro. No recorte desse período (os anos de 1850 e 1870), a historiadora Giselle Pereira analisou o *Almanak Laemmert*, cruzando com fontes disponíveis no *Jornal do Comércio*, *Diário do Rio de Janeiro* e no Fundo Câmara Municipal do Arquivo Geral da Cidade, a fim de mapear a imigração francesa na então capital do império. A autora identificou um contingente significativo de francesas trabalhando como parteiras na cidade e que conseguiram se projetar neste ofício, adquirindo respeito e confiabilidade junto à sociedade fluminense.

Já em uma análise do período republicano (1890–1930), a autora Natalia Peçanha mostrou a outra face da imigração, em clara oposição à idealização do imigrante como portador de virtudes e civilidade. A historiadora analisou a Associação de Empregadas Domésticas Estrangeiras, observando a suspeição que pairava sobre essas profissionais, identificadas como criminosas, amorais, prostitutas e propensas à prática de delitos. Peçanha mostra que os imigrantes que aportavam no Rio de Janeiro, passavam ao largo do tipo desejado pelas autoridades brasileiras, que no caso das empregadas, tinha na austera e exemplar governanta alemã, a sua síntese.

A cidade mulher — assim nomeada por Benjamin Costallat e Alvaro Moreyra por sua beleza e curvas — é também o reflexo das estratégias desenvolvidas por mulheres que, oriundas do exterior, emprestaram-lhe novas formas. Longe da sensualidade evocada pelos cronistas do início do século XX, esses deslocamentos implicaram na articulação de estratégias para driblar as dificuldades de viver na condição de imigrante e do duplo preconceito enfrentado pelo fato de ser estrangeira e mulher.

CLÁUDIA CALMON

Cláudia Calmon é doutora em educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e pesquisadora do Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI) mesma universidade.